

ÁLVARES DE AZEVEDO: NOVAS PERSPECTIVAS**ÁLVARES DE AZEVEDO: NEW PERSPECTIVES**Júlio Cezar Bastoni da SILVA¹

Apesar de bem estabelecido na historiografia e na crítica brasileira, não se pode deixar de reconhecer que Álvares de Azevedo ainda ocupa em nossa literatura uma posição estranha, junto a outros de seu tempo, como o baiano Junqueira Freire. Cânone anticânone, se pensarmos que, desde sua primeira recepção ainda no século XIX, não raras vezes foi notada sua posição de jovem poeta, morto precocemente, especialmente alheio ao nacionalismo que se diria impositivo sobre nossa literatura romântica. É possível notar que as tentativas de leitura do poeta, para os não especializados em sua obra ou mesmo nos debates do seu tempo, causem alguma desestabilização, a ponto de notarmos talvez uma espécie de sestro idiossincrático ou certo isolamento deliberado ante os intelectuais coevos.

Não encontramos, é certo, em Álvares de Azevedo, as linhas dominantes ressaltadas na história de nosso romantismo, em especial a nota da paisagem ou do caractere nacional, em nome da formação de um imaginário local. Talvez por isso, na recém-publicada coletânea *“Cuidado, leitor”: Álvares de Azevedo pela crítica contemporânea*, organizada por Andréa Sirihal Werkema (2021), há uma busca multifacetada pelos vários traços de ligação ou notas dissonantes que o autor estabelece com a literatura sua contemporânea, aqui ou além-mar, sua relação com a tradição ocidental, bem como no que tange à abertura de caminhos em nossa série literária. Talvez inesperadamente, os nove capítulos, organizados em ordem alfabética, incluindo autores já consolidados na crítica alvaresiana e outros jovens pesquisadores, perfaz um trajeto coerente sobre a obra do poeta paulista, de suas referências hauridas na tradição literária às indicações e motivos retomados por escritores que o sucederam, como Machado de Assis, oferecendo novas contribuições e veredas para sua avaliação crítica.

Assim, se é possível notar, em mais de um texto, a contraposição do projeto literário alvaresiano à “(...) imagem mais comumente vendida do movimento romântico entre nós”, como afirma a organizadora na “Apresentação” (2021, p. 8), são também perceptíveis certas formas de mirar o sentido flagrado nas obras do autor que abrem perspectivas para uma melhor situação de sua produção no romantismo brasileiro,

1. Doutor em Estudos Literários pela Unesp-Araraquara; Professor de Literatura Brasileira; Departamento de Literatura, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, Brasil. E-mail: juliobastoni@ufc.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0086-1148>.

bem como para a consideração de sua obra como um problema passível de reavaliações e releituras, especialmente no que se refere à cosmovisão nela presente. Em seu capítulo, por exemplo, a organizadora pensa a recepção dos modelos clássicos – especialmente a apropriação entre romântica e, por isso mesmo, personalíssima, desses modelos – por Álvares de Azevedo, ressaltando que esse pode ser um dos elementos a comporem o caráter fragmentário, antinormativo, mas nem de longe desatento à tradição, que perpassa sua obra, não raramente com uma espécie de “(...) fracasso envolvido na busca da forma perfeita” (2021, p. 32). Essa vereda, de certo modo, se complementa com os capítulos que ressaltam a impureza ou o desencanto, marca talvez mais próxima ao perfil que temos do poeta. No texto “Álvares de Azevedo ou o fetiche de Solfieri”, por exemplo, sobre *Noite na taverna*, Gilberto Araújo, para além da análise do episódio do personagem homônimo, resalta a originalidade da obra frente ao que se percebe nos livros de narrativas curtas – ou “formas breves” (2021, p. 80) – próximos a seu tempo, indicando um livro, temática e formalmente, “avesso a qualquer castidade ou purismo” (2021, p. 83). O fragmentário, “o drible à forma pura e acabada”, comparecem novamente aqui, dando a medida do perfil da produção alvaresiana, cujo inacabamento aparente é dos traços seguramente mais inquietantes.

A impureza e o desencantamento dão também o mote dos textos de Júlio França, “Ainda sobre o gótico no Brasil: o caso de *Noite na taverna*”, e de Patrícia Aparecida Guimarães de Souza, “O desencantamento em Álvares de Azevedo”. No primeiro, é notável a recusa ao caráter pouco atento à pertinência nacional da literatura gótica, se mirada redutoramente por meio da nossa tradição historiográfica, que tem como parâmetro a constituição de um imaginário por meio da projeção paisagística e de um herói exemplar. O gótico, ao contrário, colocando-se em polo oposto à “propensão documental de nossa literatura” (2021, p. 89), ressaltando os aspectos da negatividade, pode interessar a pensar os aspectos de horror que cercam a realidade ocidental e, não menos, a brasileira. De fato, diametralmente oposto à afirmação nacionalista – solar, heroica, amena, cordial –, o que está às sombras pode ter caráter revelador dos “(...) horrores inomináveis que esconde a cordialidade” (2021, p. 112). No capítulo de Patrícia Souza, por sua vez, é reconstruído o discurso do desencantamento coevo a Álvares de Azevedo. Notável, neste capítulo, é certa superação da discussão entre nacional e universal, ainda que a contemple em certa medida: Álvares de Azevedo não apenas parece emular, se acompanhamos bem a discussão realizada pela autora, mas **participar** de um movimento que coloca em suspenso certa positividade presente não apenas na formação das sociedades na Europa pós-iluminista ou pós-revolucionária – especialmente pela continuidade de antigas mazelas e pela debacle das utopias – mas também, no caso brasileiro, não menos demandaria a dúvida e a negatividade que talvez seriam recuperados apenas na literatura machadiana.

Não por acaso, portanto, Álvares de Azevedo seria evocado na produção do jovem Machado de Assis, como explora o capítulo de Wilton José Marques, que fecha a coletânea. Para além da abertura de caminhos em direção a uma consideração da tradição ocidental distante do nacionalismo estreito e da busca de raízes locais, é possível dizer que Álvares de Azevedo aparece como um “fantasma” – como diz Marques – na primeira produção de Machado de Assis – seus primeiros poemas, elementos conexos nas peças e nas considerações críticas à obra do autor paulista. De qualquer modo, em todos os artigos referidos, há certo caráter unificador: Álvares de Azevedo desestabiliza a leitura pretensamente unívoca de nosso romantismo, estabelecendo pontes com a tradição ocidental e a discussão cultural e literária coevas, ao contrário do que faria pensar certa ideia de um autor cujo projeto literário o isolasse frente a questões de amplo alcance.

Em forma semelhante, por exemplo, pode ser lido o capítulo de Cilaine Alves Cunha, que analisa amplamente seus ensaios e demais textos relativos à sua visão de mundo, que vai além do antinacionalismo, ainda que o implique em algum modo: trata-se de uma visão sem reverências a uma instrumentalização da tradição literária, ocidental ou mesmo colonial, que sirva a propósitos outros que não à própria construção de uma literatura – e, por extensão, de uma nova civilização, simultaneamente referida a um orbe cultural sem exclusões apriorísticas. Há em Álvares de Azevedo, desse modo, uma tendência ao diálogo de amplo alcance com a tradição, como já referido, bem como com a literatura contemporânea – do que é prova o capítulo de Natália Gonçalves de Souza Santos, a partir da análise da emulação e da paródia de um poema de Charles Dovalle em um fragmento do célebre “Ideias íntimas”.

Ainda, Vagner Camilo, com amplo levantamento acerca da questão do panteísmo e do índice do endereçamento na poética, abre perspectivas para compreendermos o alcance intelectual da obra de Álvares de Azevedo, em consonância com o que era (e seria, modernamente) pensado sobre o assunto. Nota à parte, o texto de Rafael Fava Belúzio, ensaio personalíssimo, dividido em quatorze fragmentos – justamente, as “Ideias íntimas” – a partir da leitura cerrada dos textos, considera os aspectos relacionados à imanência e à transcendência na poesia alvaresiana, e levanta a possibilidade de reinterpretar a “binomia”, aspecto central na constituição da *Lira dos vinte anos*, em nome de uma “trindade”, quem sabe unificadora, como na tradição cristã. Ambos representam abertura a novas possibilidades de compreensão da obra de Álvares de Azevedo, refazendo suas ligações intelectuais e suas potencialidades poético-filosóficas.

Cuidado, leitor: é necessário que busquemos, como já vínhamos verificando a partir da produção já consolidada de grande parte dos autores presentes nessa coletânea, uma visão progressivamente diversificada sobre a obra de Álvares de Azevedo. Mais que um antinacionalista ou voz dissonante, poeta adolescente e estranho no ni-

no, os artigos deste livro abrem perspectiva de novos caminhos para repensarmos a obra do poeta paulista, bem como para traçarmos linhas paralelas ou transversais à história de nosso romantismo, mais complexa que a restrita aos nossos programas de estudo ou de ensino. Ainda, não é desnecessário complementar, a coletânea “*Cuidado leitor*” representa o sinal de que a pesquisa sobre os oitocentos no Brasil, em sua cultura, história e literatura, continua produtiva, permitindo repensar nossa experiência pregressa, em nome de uma maior compreensão não apenas do que nos formou historicamente, mas de formas de sensibilidade diversas que merecem ser continuamente postas em evidência.

Referência

WERKEMA, Andréia Sirihal (Org.). “*Cuidado, leitor*”: Álvares de Azevedo pela crítica contemporânea. São Paulo: Alameda, 2021.